

## **ANALFABETISMO FUNCIONAL: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR**

Erilene Rodrigues Silva<sup>1</sup>  
Luá Cristine Siqueira Reis<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Na contemporaneidade um tema que tem sido amplamente discutido e debatido no campo da educação é a formação de alunos. É fato que no Brasil, nos últimos tempos, percebe-se que alguns docentes das instituições ainda não estão preparados para detectar essa incapacidade que o aluno demonstra ao não compreender textos simples. Tomando como base tal contextualização, este trabalho científico tem como objetivo problematizar algumas questões relativas ao analfabetismo funcional, bem como as implicações e os desafios no ensino superior. Para a construção deste artigo, o referencial teórico utilizado compreende os estudos e pesquisas de autores como, Costa (2015), Pinheiro (2015), Ribeiro (1997), Souza (2009), Teixeira et al (2012), entre outros. Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, com a utilização de obras bibliográficas, artigos científicos, etc. Como considerações finais destaca-se que existe um grande dilema presente nas pessoas que possuem essa dificuldade em compreender textos, muito embora o indivíduo seja tecnicamente alfabetizado. De maneira geral é possível de ser notado nas pesquisas dos teóricos explorados. Além disso, o trabalho fornece dados que permite pensar nas limitações desses alunos e nos desafios dos docentes, sobretudo o trauma vivenciado no cotidiano.

**Palavras-chave:** Desafio do docente. Educação superior. Dificuldades em compreender.

---

### **Introdução**

Como o objetivo deste artigo é problematizar algumas questões relativas ao ensino superior, para que o debate e as reflexões se tornem mais profícuas utilizarei referências de autores do campo de conhecimento da educação e de áreas afins.

A alfabetização permite a construção das bases intelectuais para a aquisição dos conceitos científicos, através da possibilidade de desenvolvimento da linguagem escrita. Assim a alfabetização mantém uma proximidade, pois, sem a linguagem escrita, o ingresso nesse universo é quase impossível (COELHO).

Neste contexto vou relatar sobre o analfabetismo funcional, pois, estes é um problema que atormenta uma boa parte da população, trazendo consequências para o mercado de

---

<sup>1</sup> Aluna da pós-graduação em Gestão em Sala de Aula no Ensino Superior - UNIFIMES.  
Graduada em: Zootecnia e Agronomia - Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES  
Especialista em: Engenharia de Segurança do Trabalho – UNIFIMES.  
e-mail: erilene.silva@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Mestra em Direito Agrário/Universidade Federal de Goiás (UFG), 2015.  
Professora adjunta da Unifimes unidade Trindade  
e-mail: luacristine@fimes.edu.br



trabalho e para a vida social do indivíduo. "Se o aluno souber ler e escrever a aquisição dos demais conteúdos, será uma consequência", Onaide Schwartz Correa de Mendonça em entrevista à Rede Brasil Atual, a autora de livros sobre alfabetização diz que as consequências do analfabetismo funcional são cada vez mais sentidas nas universidades, sejam públicas ou particulares.

Seguindo recomendações da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), na década de 90, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) passou a divulgar também índices de analfabetismo funcional, tomando como base não a auto avaliação dos respondentes, mas o número de séries escolares concluídas. Pelo critério adotado, são analfabetos funcionais as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade.

Estudos realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 20% dos brasileiros não conseguem compreender textos, enunciados matemáticos e estabelecer relações entre assuntos, apesar de conhecerem letras e números.

Para Toledo (2006), a definição de alfabetismo vem sofrendo significativas mudanças nas últimas décadas. Se em 1958 uma pessoa era considerada alfabetizada quando conseguia ler ou escrever uma frase simples, hoje, com o avanço das tecnologias de comunicação, a modernização das sociedades e o aumento da participação social e política, essas habilidades não são mais suficientes.

Devido ao avanço tecnológico dos últimos anos é de suma importância dominar as técnicas de leitura e escrita para poder permanecer ativo no mercado de trabalho, pois, o mesmo resulta de uma competição acirrada, onde somente pessoas qualificadas permanecerá a frente de um cargo desejado.

## Desenvolvimento

Estudos comprovam que o conceito analfabetismo funcional surgiu nos EUA, de acordo com alguns autores, foi durante a Segunda Guerra, segundo Ribeiro (1997), quando o exército americano o utilizou para indicar a capacidade de entender instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares.

A partir dessa época o termo passou então a ser utilizado por vários estudiosos para designar a incapacidade de utilizar a leitura com fins interpretativos.



Segundo Ribeiro (1997), analfabetismo é uma palavra utilizada no português corrente para designar a condição daqueles que não sabem ler e escrever.

Pela aprendizagem, principalmente, a criança na idade escolar forma seus conceitos científicos e desenvolve-se mentalmente (COELHO). É importante ressaltar que a qualificação do professor é de suma importância para tal desenvolvimento intelectual do aluno na fase de aquisição do conhecimento.

No que se refere ao analfabetismo, uma parte da população brasileira, de uma forma ampla, não sabe escrever, ou quando sabem, escrevem muito mal. É fato que a leitura é fundamental para desenvolver uma boa escrita. Assim sendo, a língua portuguesa possui regras básicas e quando, estas são desconsideradas fica difícil fazer uma boa escrita.

Já o analfabetismo funcional de acordo com Costa (2015),

Em se tratando da educação no Brasil, quando comparada a outros Países, deixa a desejar, pois, não há investimentos na área suficientes para proporcionar aos alunos um bom aprendizado e os professores são mal preparados, devido à falta de incentivo tanto financeiro como promocional ao plano de carreira dos mesmos, e como consequência os educadores deixam de investir na qualificação profissional.

Quando fala em eliminar o analfabetismo do nosso país, Onaide Schwartz Correa de Mendonça em entrevista à Rede Brasil Atual, afirma que:

“ À erradicação do problema exige mudanças no método de alfabetização e valorização dos professores. Enfatiza também “hoje as condições de trabalho nas escolas estão precárias, não só do ponto de vista material, mas principalmente emocional. Os professores estão adoecendo em função do desgaste causado pela falta de respeito, interesse e vontade dos alunos”.

A partir desse pensamento, existem outros aspectos que interferem no aprendizado. Cabe lembrar que as escolas estão sucateadas, ou seja, sem material, onde professores fazem milagres para ministrar suas aulas, há ainda, a ausência da família na vida escolar dos alunos. Os pais alegam a falta de tempo para comparecer às reuniões com a coordenação pedagógica, onde diversos assuntos são comunicados aos pais/responsáveis.

Para Souza (2009), a interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno.



Certamente podemos refletir sobre a importância de medidas a serem tomadas para melhorar os índices de evasão do ambiente educacional devido as limitações individuais de cada aluno. Precisamos impulsionar nas escolas públicas onde estas devem atender as diversidades, buscando assim, através de planos de ação valorizar as habilidades de cada professor.

Neste sentido, identificar o potencial de cada profissional para poder colaborar com o projeto pedagógico da instituição, mostrando, assim, as experiências vividas no cotidiano. Quando trabalha com pessoas qualificadas, as aulas tornam-se mais atrativas, os alunos mais motivados, onde estes percebem oportunidades de desenvolvimento social.

De fato, as universidades devem estar preparadas para receber estes alunos possuidores de algumas limitações, onde os mestres (professores) qualificados com percepção de diagnóstico para diversos envolvimento, rupturas, para poder desenvolver métodos, almejando assim, resultados satisfatórios.

Entretanto, os cursos de formação superior necessitam de novas reformulações e que suas estruturas sejam urgentemente modificadas para atender melhor a sociedade, já que a competitividade no mercado de trabalho é acirrada e os concorrentes as vagas de emprego são desafiados pelas organizações em suas entrevistas, onde são aplicados testes psicológicos de raciocínio lógico.

É importante ressaltar que os universitários entram nas faculdades sem obter o hábito de estudar, estes aprenderam os conteúdos de forma superficial. No entanto, fazem uso da prática de decorar ao invés de aprender. Ressalto que o problema vem desde o ensino fundamental. Neste sentido, a solução para este obstáculo é investir no aprender a aprender, ou seja, ensinar os alunos desde o começo a estudar para que eles possam desenvolver hábitos de aprendizagem adequadas para a formação em busca do alto nível.

Após estudos realizados na literatura posso afirmar que as consequências do analfabetismo funcional são drásticas, causando danos irreversíveis a sociedade, pois, a inserção no mercado de trabalho fica resumida, deixando o cidadão submeter ao serviço pesado e exaustivo, com remuneração abaixo do piso salarial. Por fim, existe ainda o preconceito vivido no cotidiano, quando o sujeito precisa desempenhar suas habilidades de leitura ou escrita, e não consegue subtrair/expressar a afirmação clara e objetiva.



Sem sombra de dúvidas, as limitações comprometem a produtividade mesmo em profissões que não exigem tanto a qualificação. No entanto, são dificuldades em ler e entender algum projeto ou aviso importante para realizar sua tarefa. Portanto, educação é o que dá base para o crescimento sólido. Assim, a construção de um país com oportunidades para todo mundo depende do alicerce firme do conhecimento, esse é um dos grandes imbróglios do Brasil.

Estudos comprovam que só 1 em 4 brasileiros entre 15 e 64 anos podem ser considerados plenamente alfabetizados.

Conforme o Instituto Paulo Montenegro, o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) é a única iniciativa de medição do alfabetismo da população adulta em nível nacional existente no Brasil. Seu objetivo é oferecer à sociedade informações sobre habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática da população adulta brasileira, de modo a fomentar o debate público e subsidiar a formulação de políticas de educação e cultura.

Segundo o INAF 2009, apenas 25% da população economicamente ativa do Brasil é plenamente alfabetizada, ou seja, cerca de  $\frac{3}{4}$  apresenta dificuldades de leitura e interpretação de dados.

O pouco estímulo à educação afeta a minoria da população, no entanto, a falta de interesse ou mesmo o hábito de realizar leituras no cotidiano e por consequência perde a capacidade de interpretar os textos aumentando assim a porcentagem de alfabetismo funcional.



**Tabela 1:** Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional na população de 15 a 64 anos (%).

	2001	2002	2003	2004	2007	2009	2011
	2002	2003	2004	2005			2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	9	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26

**Fonte:** INAF BRASIL 2001 a 2011, adaptada por Silva, (2017).

Os resultados mostram que o Brasil evoluiu os níveis em percentual dos alfabetizados com o passar dos anos, mas ainda precisa avançar nas habilidades, pois, a cada dia que passa é de suma importância fazer parte da sociedade letrada.

Segundo Ana Lúcia Lima, diretora executiva do Instituto Paulo Montenegro boa parte destes avanços é devida à universalização do acesso à escola e do aumento do número de anos de estudo. Com efeito, de acordo com dados censitários produzidos pelo IBGE o número de brasileiros com ensino médio ou superior cresceu em quase 30 milhões na década 2000-2010.

De acordo com o INAF, a baixa renda é outro fator relacionado ao grupo de analfabetos funcionais do país. Daqueles que têm renda familiar de até um salário mínimo 38% são considerados analfabetos funcionais, enquanto que este número cai para 6% dentre aqueles com renda familiar superior a 5 salários mínimos.



**Tabela 2:** Analfabetos funcionais por região (%).

Regiões	2007	2009
Norte e Centro-Oeste	19	23
Nordeste	26	21
Sudeste	12	08
Sul	12	11

**Fonte:** Instituto Paulo Montenegro/IBOP.

A tabela 2 mostra a porcentagem de analfabetos funcionais nas regiões brasileiras nos anos de 2007 e 2009, a idade da população investigada foi de 15 a 24 anos. Entretanto, são jovens que possuem um futuro pela frente, estes já rotulados e com o futuro comprometido.

Quando analisados os dados acima citados a porcentagem de analfabetos funcionais diminuiu, exceto nas regiões Norte e Centro-Oeste. Isso é um problema grave devida a precariedade do ensino nessas regiões. Por consequência, essa é a principal explicação para os grandes índices de analfabetos funcionais em terras nacionais. Pois para resolve-lo será necessário investir em programas educacionais, plano de carreira dos professores, priorizar a qualidade e não a quantidade.

Onaide Schwartz Correa de Mendonça, afirma que “o estudo faz parte da vida, que é indispensável, e que o conhecimento, além de ser um instrumento poderoso, é o único bem que não pode ser roubado.

Com a influência tecnológica, o mundo transformou-se de maneira muito veloz, fato esse que nos obriga a perscrutar pela qualificação profissional e para suprir tal necessidade a buscar pelo curso superior é imprescindível, pois, nos últimos tempos o vestibular tornou-se cada vez mais disputado, e passar é uma tarefa árdua para o vestibulando possuidor de analfabetismo funcional. Neste sentido, enfatizo a importância do curso superior na



socialização do indivíduo para seu enriquecimento tanto material como espiritual, assim promovendo o desenvolvimento intelectual.

Nos dias atuais o mercado de trabalho seleciona candidatos de acordo a vaga oferecida e com o desenvolvimento curricular de cada entrevistado, para a orientação de programas de qualificação profissional e também para o estabelecimento de políticas culturais.

Nota-se que o analfabetismo funcional tornou-se um risco para as empresas no que refere ao desempenho de suas atividades, tanto operacional quanto estratégicas, afirma Oliveira et al (2007). Neste sentido, os recursos humanos usam métodos que identificam o grau de interpretação do candidato à vaga de emprego oferecida.

As taxas de analfabetismo no Brasil, também analisadas dentro da área de política social e econômica, já que a população considerada analfabeta é a mesma que sofre de outros problemas que afligem o país. Segundo o MEC (2006), a inclusão escolar, enquanto paradigma educacional tem como objetivo a construção de uma escola acolhedora, onde não existam critérios ou exigências de natureza alguma, nem mecanismos de seleção ou discriminação para o acesso e a permanência com sucesso de todos os alunos.

Por fim, Pinheiro (2015), declara que a palavra *inclusão* nunca esteve tão em voga como nos últimos tempos. Fala-se em inclusão a todo o instante, em diversas camadas da sociedade e, com isso, podemos observar uma preocupação que cresce de maneira ainda sutil no ambiente escolar, diagnosticando problematizações, realizando discussões, debates temáticos e inserindo – no contexto base da palavra, as diversidades que completam nossa realidade. Auxiliando, respeitando, humanizando e projetando ótimas referências e esperanças. Atendendo e compreendendo a todos – sem exceção.

O Brasil possui metas para melhorar a alfabetização, mas esses números nunca irão representar a real situação da exclusão educacional e do analfabetismo no país, pois, O qualitativo é sacrificado em prol do quantitativo para se cumprir metas.

De acordo com Toledo (2009),

“Não é difícil nos depararmos com pessoas que, mesmo sendo "alfabetizadas", não conseguem compreender mensagens simples, como uma carta, um aviso, um anúncio de jornal; ou ainda, com universitários de variadas áreas humanas e exatas, que sentem dificuldade ao interpretar textos ou enunciados de questões em provas ou concursos, o que os leva a obterem resultados bem abaixo do desejado”.





É notório que com todos os avanços tecnológicos sofridos nos últimos anos ainda convivemos com vários tipos de exclusões. Toledo (2009), aponta os tipos de exclusões dentro da escola,

“a exclusão pelas letras não aprendidas adequadamente. A exclusão pelos textos não processados de maneira competente. A exclusão pela falta de ofertas de equipamentos públicos que desenvolvam o gosto pela leitura e pelas práticas culturais em que a linguagem escrita faça sentido. A exclusão pela precariedade da formação dos educadores e por sua desvalorização”.

A erradicação da exclusão e do analfabetismo funcional nas escolas, depende do envolvimento de todos incluindo os gestores, os educadores e a sociedade. É essencial eliminar o preconceito e acreditar na mudança e no desenvolvimento social pela educação.

### Considerações Finais

Após o panorama apresentado neste artigo, em que foram utilizados os referenciais teóricos para sustentar as análises aqui presentes, foi possível problematizar algumas questões relativas ao nível de aprendizado dos alunos recém universitário em que constatamos uma deficiência vinda de uma base escolar primária.

Além disso, notou-se que existem interfaces que permeiam as relações entre estudantes e as instituições de ensino, que atingem diretamente o trabalho desenvolvido nas universidades.

Os estudos de Costa (2015), apontam a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples, caracteriza-se o analfabetismo funcional.

No campo dos estudos sobre o alfabetismo funcional é fato que a incapacidade de extrair o sentido das palavras de um texto, de não conseguir expressar suas ideias no papel por meio da escrita e a ocorrência de não conseguir realizar operações matemáticas mais elaboradas, esse indivíduo sofre muito na vida social e no contexto escolar, implicando no âmbito de sua formação profissional. Não se pode deixar de mencionar a cultura familiar sobre a valorização da leitura, pois, esta é indispensável na formação do leitor. Convém lembrar que esse estímulo garante não apenas o hábito da leitura, mas também possibilita as habilidades que a leitura pode propiciar.



É notório que o aluno sai do ensino médio e integra no ensino superior sem dominar as técnicas básicas de interpretação e compreensão de textos, e como consequência a escrita fica deficitária, afetando assim o seu desenvolvimento intelectual, profissional e social.

Paradoxalmente, o Instituto Paulo Montenegro (2012), relata que o percentual da população alfabetizada funcionalmente foi de 61% em 2001 para 73% em 2011, mas apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, com base nas leituras realizadas existem vários problemas que se fazem presentes nesses processos.

Reforço, ainda, que não é fácil em razão de vários aspectos, pois o analfabetismo funcional gera custos diretos tais como: interfere diretamente na produtividade da mão de obra, requer sacrifícios financeiros na formação e manutenção do capital intelectual.

A fim de alcançar um entendimento pleno na área da educação, Teixeira et al. (2012), afirmam que o “processo educacional envolve a tomada de consciência da realidade vivida, sem abandonar o sonho e a utopia de transformação que motiva todo educador. A universidade que queremos é a que dá asas, que insentiva a construção do conhecimento e nos permite formar profissionais humanos e reflexivos”. Em suma, posso afirmar que cidadãos bem-sucedidos depende de uma boa educação, onde os investimentos são realmente destinados a escola.

## Referências

COSTA, Sérgio Diniz da. ‘O ato de escrever’. 2015. Publicado originariamente no jornal Cruzeiro do Sul, edição de 05/03/2015, p. A-2. Disponível em:

<<http://www.jornalrol.com.br/sergio-diniz-da-costa-o-ato-de-escrever/>>. Acesso em: 26 de março. 2017.

COELHO, Sônia Maria. A Importância da Alfabetização na Vida Humana. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Educação UNESP/Presidente Prudente. SP. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40136/1/01d16t01.pdf>>. Acesso em: 28 de março. 2017.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Inaf 2011/2012 - Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década - Disponível em:

<[http://www.ipm.org.br/ptbr/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/inaf2011\\_2012.aspx](http://www.ipm.org.br/ptbr/programas/inaf/relatoriosinafbrasil/Paginas/inaf2011_2012.aspx)>. Acesso em: 27 de março. 2017.



MEC - Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 191 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/experienciaseducacionaisinclusivas.pdf>>. Acesso em: 27 de março. 2017.

OLIVEIRA, Suellen Moreira de; NAGAMATSU, Fabiano; FEDICHINA, Márcio. **O analfabetismo funcional e a competitividade: Um estudo com alunos ingressantes do curso de Administração das Faculdades Integradas Urubupungá.** 2007. Disponível em: <<http://www.startup7.com.br/artigos/22%20-%20siar%20analfabetismo%20funcional.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.

PINHEIRO, Rafael. Analfabetismo funcional: Uma realidade brasileira. 2015. Disponível em: <<http://dizacionalescolas.com.br/2015/03/03/analfabetismo-funcional-uma-realidade-brasileira/>>. Acesso em: 27 de março. 2017.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. 1997. Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro/97. p. 15. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf>>. Acesso em: 02 de fevereiro. 2017.

\_\_\_\_\_. O Indicador de Alfabetismo Funcional. 2003. Disponível em: <[file:///C:/Users/hp1/Downloads/2003\\_09\\_18\\_O%20Indicador%20de%20Alfabetismo%20Funcional\\_Vera%20Masag%C3%A3o.pdf](file:///C:/Users/hp1/Downloads/2003_09_18_O%20Indicador%20de%20Alfabetismo%20Funcional_Vera%20Masag%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 26 de março. 2017.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/escola: A importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. Artigo. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Santo Antônio da Platina – Paraná. Disponível em: Acesso em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. 28 de março. 2017.

TEIXEIRA, Patrícia Luciano de Farias; SOUZA, Maria das Graças; FARIAS, Maria Alves. O Analfabetismo Funcional em Alunos Universitários. 2012. VII CONNEPI. Instituto Federal do Tocantins. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/3157/3085>>. Acesso em: 28 de março. 2017.

TOLEDO, Lucinéia Silveira. **Alfabetismo funcional, linguagem e inclusão social.** 2009. Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, Belo Horizonte, v.5, n.10, p. 22. Disponível em: <<file:///C:/Users/hp1/Downloads/10047-28783-1-SM.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2017.



Rede Brasil Atual por Susanavier. Analfabetismo funcional mostra fracassos na educação, diz pesquisadora. 2010. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2010/09/analfabetismo-funcional-e-resultado-de-metodos-equivocados-e-descaso-com-professores-analisa-especialista>>. Acesso em: 26 de março. 2017.

### Dos autores:

---

<sup>1</sup>Erlene Rodrigues Silva, é Aluna da pós-graduação em Gestão em Sala de Aula no Ensino Superior - UNIFIMES.

Graduada em: Zootecnia e Agronomia - Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES

Especialista em: Engenharia de Segurança do Trabalho – UNIFIMES.

e-mail: [erlene.silva@hotmail.com](mailto:erlene.silva@hotmail.com)

<sup>2</sup>Luá Cristine Siqueira Reis, é Orientadora. Mestra em Direito Agrário/Universidade Federal de Goiás (UFG), 2015.

Professora adjunta da Unifimes unidade Trindade

e-mail: [luacristine@fimes.edu.br](mailto:luacristine@fimes.edu.br)

---

